



## **Pesquisa inédita aponta que 1/3 dos moradores da Maré tiveram saúde mental afetada pela violência**

*Estudo pioneiro mostra que pessoas em situações de violência são mais vulneráveis ao sofrimento mental. Medo de que alguém próximo seja atingido por arma de fogo chega a 71% dos entrevistados. Estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e tentativas de suicídio são alguns dos transtornos frequentes.*

*A pesquisa **Construindo Pontes**, liderada pela organização inglesa People's Palace Projects e pela Redes da Maré, foi realizada entre 2018 e 2020 com 1.411 moradores acima de 18 anos e tem como desdobramento a 1ª Semana de Saúde Mental da Maré, a Rema Maré, que acontece de 23 a 28 de agosto.*

Como vai a saúde mental dos moradores de favelas? Quais os efeitos dos conflitos armados, tão frequentes nestas comunidades, sobre seu equilíbrio e sua saúde física? E quais os recursos e estratégias que ajudam essas pessoas a cuidar da sua segurança e do seu bem-estar? Essas foram algumas das indagações que guiaram a pesquisa **Construindo Pontes** realizada nas 16 favelas que formam o Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

Os resultados impressionam pela contundência e revelam que os moradores da Maré passam por situações de extrema violência, como estar em meio a tiroteios ou testemunhar assassinatos, com impressionante frequência. Como desdobramento, grande parte dos moradores afirma que vive permanentemente com medo: sofrer, testemunhar e temer atos violentos é parte de uma rotina angustiante.

**A maioria da população (63%) sente medo (sempre ou muitas vezes) de ser alvejada por uma arma de fogo na Maré.** Um número ainda maior (71%) sente medo constante (ou muitas vezes) de que alguém próximo seja atingido. O temor da violência armada – que muitas vezes incluem equipamentos de guerra como granadas e fuzis - acompanha diariamente a maioria dos moradores.

**Cerca de 1/3 da população adulta da Maré (31% dos entrevistados) disse ter a saúde mental afetada pela violência.** Uma situação que invade o cotidiano, já que nada menos do que 44% dos entrevistados relataram ter estado em meio a um tiroteio nos 12 meses anteriores, sendo que destes, 73% passaram por esta experiência mais de uma vez. **Entre os que sofreram exposição direta a situações violentas, o percentual é ainda maior: 44% acreditam que sua saúde mental foi prejudicada.**

Mesmo que não tenha testemunhado um tiroteio, um alto número de moradores (cerca de um quarto dos entrevistados - 25,5%) teve alguém próximo ferido ou assassinado. Quase a mesma quantidade (24%) de moradores e moradoras adultos da Maré viu alguém ser espancado ou agredido nos 12 meses antes da pesquisa. Para 15% dos entrevistados, isso aconteceu mais de uma vez.

**E nem mesmo dentro de casa os moradores se sentem protegidos: 13% deles tiveram suas casas invadidas** nos 12 meses anteriores à pesquisa - percentual que aponta para um total de 6.210 domicílios que passaram por invasões, muitas vezes acompanhadas de violência verbal, extorsão e perdas materiais. Entre esses moradores que tiveram suas residências violadas, 47% passaram por esta situação mais de uma vez.

Estas constatações desafiam a ideia de que as populações de favelas se acostumaram com a violência armada em seu cotidiano: **75,5% dos moradores apontam a violência como a principal questão negativa de morar na Maré.**

#### **Ansiedade e depressão: consequências diretas**

As desordens mentais mais comuns relatadas pelos moradores foram episódios depressivos (26,6%) e ansiedade (25,5%). Das pessoas que estiveram em meio a tiroteios, 12% relatam pensamentos

sobre suicídio e 30%, sobre morte. Elas também apresentaram sintomas físicos como dificuldade para dormir (44%); perda de apetite (33%); vontade de vomitar e mal-estar no estômago (28%) e calafrios ou indigestão (21,5%).

"A discussão sobre saúde mental de moradores de favelas e periferias, no contexto da violência a que estes territórios são submetidos, é urgente e fundamental" avalia Eliana Silva, diretora da Redes da Maré. "São situações cotidianas, que restringem a circulação das pessoas, produzem traumas, afetam a saúde física e mental e reduzem a confiança das pessoas nas instituições - já que muitas vezes é a própria polícia a responsável pelas violações de direitos".

Um dos efeitos mais graves da violência armada nos territórios de favela é a **imposição de barreiras para o acesso a serviços e equipamentos públicos**, incluindo aqueles que dão suporte aos moradores em relação à saúde mental. Segundo os dados da pesquisa, 54% dos adultos da Maré sofreram alguma limitação no acesso a equipamentos públicos em decorrência de situações de violência.

Esta realidade tão cruel quanto complexa leva a indagações: como tornar a vida suportável quando o medo é companhia constante? Como apostar no futuro quando mortes, situações de abandono e violência tornam os indivíduos descrentes das instituições e do Estado? Como construir resiliência – a capacidade de reconhecer e superar dores e eventos traumáticos?

"As dores e os sintomas de saúde mental não são evidentes como os de uma perna quebrada, deles não se tratam com um remédio como os que usamos para dores de cabeça", alerta o diretor teatral e principal pesquisador de Construindo Pontes, Paul Heritage. "Nas intervenções artísticas que preparamos para a campanha Rema Maré, perguntamos se devemos lidar com este problema de forma individual ou coletiva. Como posso melhorar a minha saúde mental e ajudar a cuidar dos que estão próximos a mim?", questiona.

## **Semana de Saúde Mental – Rema Maré**

Desdobramento do processo de realização da pesquisa, que durou três anos, a 1ª Semana de Saúde Mental – Rema Maré vai acontecer entre os dias 23 e 28 de agosto e conta com diversas atividades culturais, debates e intervenções nas diferentes favelas que compõem a Maré.

Dentre elas estão a distribuição do Guia de Saúde Mental da Maré, com orientações básicas aos moradores sobre o tema e que será amplamente distribuído entre os moradores das 16 favelas, encartado no jornal Maré de Notícias e disponibilizado em locais estratégicos como unidades de saúde da Maré e Espaço Normal.

A primeira edição da campanha Rema Maré será um espaço de reflexão e ação em relação ao tema, com debates e intervenções artísticas voltados para moradores da Maré e entrará no calendário anual de atividades da Redes da Maré.

Na programação, diferentes ações e atividades artísticas e culturais decorrentes do projeto Construindo Pontes:

- Intervenções musical e teatral dos jovens artistas participantes do Becos (MC Martina, Thais Ayomide, Tainá Ina, Matheus Araújo, Jonathan Panta e Rodrigo Maré) no novo galpão do Espaço Normal. As apresentações serão para pessoas e organizações convidadas, respeitando os protocolos de segurança durante a pandemia e haverá espaço limitado para o público.
- Produção de mural de azulejos em um beco da Maré, a partir de oficinas com moradores coordenadas pela Laura Taves
- Faixas na avenida Brasil e lambes nas favelas da Maré com trechos de poemas dos artistas de Becos e dados da pesquisa
- Bike som pelas ruas da Maré tocando o álbum Satélite, de Rafael Rocha, composto durante o processo criativo de Becos, com distribuição do Guia de Saúde Mental.
- Cineminha nos becos- projeção dos videos com as letras do podcast Becos nas 16 favelas da Maré

- Entre as ações já realizadas pelo Construindo Pontes estão “A Maré de Casa” – série de registros fotográficos realizados por moradores da Maré – e “Becos”, peça sonora em quatro atos produzida por jovens artistas mareenses.

### **Sobre a pesquisa**

Além de um perfil da população, com dados sobre cor, educação, ocupação, renda, hábitos culturais e religião, a pesquisa **Construindo Pontes** traz informações sobre a exposição dos moradores a situações violentas; quais situações lhes provocam medo; suas percepções a respeito da própria saúde física e mental; hábitos de consumo cultural e padrões de uso de drogas legais e ilegais.

O projeto, desenvolvido ao longo de quase três anos, reuniu pesquisadores de várias áreas – ciências sociais, saúde, economia e cultura – da UFRJ, UFRGS e da People’s Palace Projects com a Universidade de Queen Mary em Londres e se desdobra em quatro publicações que tratam do tema, a partir de abordagens diversas, além de um boletim e infográficos da pesquisa. O antropólogo Luís Eduardo Soares assina um livro de narrativas sobre estudo.

A pesquisa quantitativa entrevistou 1.211 moradores em domicílios escolhidos aleatoriamente, com relatos e percepções colhidos em entrevistas e grupos focais. Já a fase qualitativa adotou várias abordagens. Foram realizadas 20 entrevistas em profundidade com moradores; sete entrevistas com profissionais; e três grupos focais, que reuniram jovens artistas e participantes de projetos artísticos, profissionais da Rede de Apoio às Mulheres da Maré e as próprias entrevistadoras que aplicaram os questionários de casa a casa. A pesquisa também entrevistou 200 usuários de crack, álcool e outras drogas que frequentam a Maré e, em outra frente de trabalho, realizou projetos criativos com jovens artistas da Maré.

### **Assessoria de Imprensa**

Luciana Bento – Pauta Positiva Comunicação

(21) 98103.7215

lucianabento@pautapositiva.com.br